

# Cooperativas confirmam baixa no recebimento de café arábica

Na maior parte dos casos, a retração prevista deve ser de até 15%

Por Érica Polo — De São Paulo  
14/09/2021 05h01 Atualizado há 26 minutos



Cafezal afetado por estiagem em Minas Gerais: temporada com impactos da escassez de chuvas nas plantações — Foto: Anna Carolina Negri/Valor

Todos os dias, caminhões desembarcam sacas e sacas de **café arábica** nas principais cooperativas que recebem o grão no Brasil. Mas é nesta época do ano, quando a colheita vai chegando ao fim nas principais regiões produtoras - casos de Minas Gerais e São Paulo -, que

esses grupos conseguem ajustar suas expectativas iniciais às entregas que, de fato, serão contabilizadas até o fim do ano.

O **Valor** ouviu as quatro maiores cooperativas receptoras de café arábica do país, três delas mineiras (**Cooxupé, Minasul e Cocatrel**) e uma paulista (**Cocapec**), para saber como anda o ritmo de entregas desta safra no campo. Em linhas gerais, não são esperadas surpresas, afirmam suas lideranças.

As quedas no volume de recebimento devem ficar entre 10% e 15%, a depender da cooperativa. Juntas, as quatro centrais deverão receber um terço da produção de arábica estimada para esta safra, o que faz delas um importante termômetro sobre o que ocorre nos cafezais. Segundo a **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)**, mais da metade da produção de cafés do país sai das mãos de cooperados.

A mineira Cooxupé, maior cooperativa de café do mundo, informou que espera receber 5,9 milhões de sacas em 2021. “Estamos recebendo a safra normalmente e o volume está dentro do esperado no início do ano”, informou, em nota. Mais de 80% dos cafés previstos para a entrega já chegaram aos armazéns de recebimento, informa a cooperativa.

Vale reforçar que essas projeções são feitas mais de uma vez a cada safra: na época das primeiras floradas das árvores de café - ao término de cada segundo semestre -; em seguida, no início do ano civil; e, posteriormente, são feitos ajustes ao menos no mês de março de cada ano. A projeção de março é importante para a revisão de números, já que é a época em que a natureza já mostra mais claramente o que cada árvore poderá entregar para o cafeicultor, explicaram as lideranças das cooperativas.

A também mineira Minasul, com sede em Varginha, por sua vez, pode receber 1,3 milhão de sacas em 2021, o que representa cerca de 15% menos do que esperava receber no início deste ano. “Os principais efeitos da quebra de safra ocorrem em preço, que se elevou ao longo do ano, e em disponibilidade. Mas à medida que confirmamos em março e em junho que o recebimento de café poderia cair cerca de 15%, tiramos o pé das negociações para honrarmos contratos já fechados”, disse **José Marcos Magalhães**, presidente da Minasul.

### **Quebra de safra**

A quebra da safra atual ocorreu em decorrência dos efeitos do clima seco sobre as árvores de café, após um ano de super safra (a temporada imediatamente anterior, colhida em 2020). De acordo com dados da consultoria **Safra & Mercado**, a produção de arábica no Brasil deve alcançar 34 milhões de sacas na safra atual, com quebra de cerca de 30% em relação à temporada anterior. Com o cenário, o indicador Cepea ultrapassou R\$ 1 mil a saca recentemente, o patamar mais elevado em nove anos.

Na Cocatrel, de Três Pontas (MG), espera-se encerrar o ano com 1,35 milhão de sacas, volume 10% menor que o estimado no início da temporada. “É uma variação natural, não muito fora do projetado, em uma safra que ainda está acontecendo”, avaliou Marco Valério Araújo Brito, presidente da Cocatrel. Ele estima que a queda em relação à projeção inicial ainda poderá diminuir, ficando em um intervalo entre 5% e 7%. “Há café sendo colhido e a cooperativa ampliou cooperados, por isso essa estimativa ainda pode mudar um pouco”, disse. A Minasul também ganhou participação de mercado, o que ajuda a reduzir impactos.

Por fim, a paulista Cocapec estima receber até 850 mil sacas até dezembro, número que está em linha com a projeção de março - embora 15% abaixo da previsão inicial da temporada, traçada cerca de um ano atrás. “Se houver redução no volume previsto de recebimento, ficará só um pouquinho abaixo [do esperado], nada relevante”, diz Saulo Faleiros, diretor comercial da cooperativa. As preocupações, agora, voltam-se à próxima safra devido à continuidade do clima desfavorável.